
A IMPORTÂNCIA DO AFROCENTRISMO NAS MÍDIAS: O PODCAST ORIGINAL SPOTIFY MANO A MANO COMO MATRIZ DE LETRAMENTO RACIAL NO BRASIL.¹

João Vitor da Silva Leonidas²

Paulo Figueira Leal³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O letramento racial, definido pela Academia Brasileira de Letras como um conjunto de práticas pedagógicas que visa conscientizar sobre o racismo estrutural, permite reconhecê-lo, denunciá-lo e combatê-lo. Este artigo analisa o podcast "Original Spotify Mano a Mano", apresentado por Mano Brown, para investigar se ele promove letramento racial e contribui com o antirracismo. Três episódios são analisados: um com a filósofa Sueli de Carneiro sobre questões raciais, outro com o Rabino Ventura sobre religião, e um terceiro com o empresário Kondzilla sobre negócios. O estudo busca identificar padrões de mensagens afrocentradas e antirracismo, avaliando se o podcast serve como espaço de letramento racial. A pesquisa baseia-se na Análise de Conteúdo de Bardin e explora a relação entre comunicação, letramento racial e antirracismo.

PALAVRAS-CHAVE: Podcast; Negritude; Letramento Racial; Afrocentrismo; Audiovisual.

Introdução

Segundo a Academia Brasileira de Letras (Dicionário de Língua Portuguesa, DLP), letramento racial é um conjunto de práticas pedagógicas que buscam conscientizar sobre o funcionamento do racismo estrutural. Isso permite que um cidadão possa reconhecê-lo, denunciá-lo e, conseqüentemente, combatê-lo. Uma vez que ações antirracistas se mostram cada vez mais necessárias, o letramento racial se destaca como um dos primeiros passos rumo a essa luta diária em nosso país.

Este artigo se aprofunda na ocorrência do processo de letramento racial por meio de um dispositivo midiático de caráter afrocentrado – o podcast Original Spotify "Mano a Mano", apresentado por Mano Brown. O objetivo é realizar uma análise de conteúdo de três episódios veiculados no primeiro semestre de 2022, entre maio e junho, com a finalidade de

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ04 - Comunicação Audiovisual, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Rádio, Tv e Internet da Faculdade de Comunicação da UFJF e integrante do PET Facom, email: jvleonidas01@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor da Faculdade de Comunicação da UFJF-MG e colaborador do PET Facom, email: pabeto.figueira@gmail.com

identificar padrões e inferir, por meio da análise de variáveis pertinentes, se eles promovem letramento racial e, por consequência, estimulam ações de combate ao racismo.

A fundamentação teórica baseia-se em debates relacionados tanto ao cenário atual da comunicação – como as transformações advindas da convergência de mídia, segundo Henry Jenkins ("Cultura da Convergência", 2014) –, quanto a questões raciais, como a teoria do Epistemicídio, segundo Sueli de Carneiro (CARNEIRO, 2023). Jenkins sugere que a hibridização dos meios de comunicação transformou os produtos comunicacionais em dispositivos que não se limitam a um único formato, como é o caso dos podcasts.

Nesse contexto, é possível enxergar esses espaços hibridizados como meios apropriados para disseminar processos pedagógicos de combate ao racismo em ambientes informais, que não se restringem apenas à sala de aula. Sueli Carneiro contribui para a discussão com teorias como a do Epistemicídio, que reforça a ideia do apagamento de conhecimentos do povo negro e identifica como esse genocídio científico perpetuou estruturalmente o racismo em nossa sociedade.

A discussão sobre o conceito de afrocentricidade versus afrocentrismo (MESQUITA, 2017) também é crucial para combater o racismo, pois facilita a desmistificação e o reconhecimento do mesmo. Com o afrocentrismo em destaque, o processo de confronto relacionado a essa discussão se torna mais natural e está diretamente ligado ao debate deste artigo.

Diante disso, por meio de uma análise minuciosa dos conteúdos comunicativos, é busca-se verificar se o processo de letramento racial nas mídias é fortalecido quando variáveis que destacam o afrocentrismo em um determinado objeto midiático estão presentes. Ou seja, o podcast "Mano a Mano", que enfoca a negritude e é conduzido por Mano Brown e apoiado por Semayat, um homem e uma mulher negros, em tese, poderia conduzir o ouvinte a um aprendizado sobre questões raciais e, conseqüentemente, guiar o público final a se educar sobre os tópicos em discussão, aproximando-se, assim, de um processo pedagógico antirracista. A pesquisa proposta busca verificar se isso ocorre de fato no programa e de que maneira esse processo se desenrola.

Por meio da interseção dos conceitos mencionados, a estrutura deste artigo aproxima questões pertinentes à negritude aos temas abordados em cada episódio. Portanto, ao introduzir questões de afrocentrismo, epistemicídio, letramento racial e convergência de mídia, cria-se um ambiente no qual a análise dos episódios é contextualizada em relação à atenção dada à raça e à negritude. Isso promove uma perspectiva antirracista que visa

contribuir não apenas para a luta, mas também para a disseminação de conhecimentos relevantes para o contexto racial brasileiro.

A importância do afrocentrismo como contribuinte ao letramento racial.

Falar sobre raça no Brasil, antes de tudo, é olhar para uma nação que foi construída sob a perspectiva do colonizador. Ao chegar aqui, o colonizador importou ideais de uma terra estrangeira, que não têm sequer sincronia com as características naturais de nosso país. Ou seja, as convenções trazidas pelos portugueses, que contribuíram para dar nome e significado à nossa terra, não têm nenhuma preocupação com o que de fato ocorre aqui. Nisso se justificam os preceitos de raça que encontramos, alinhados com a cosmologia de um dominador que criou esse termo para definir “o outro” como inferior devido à diferença de pele, conforme afirma Sueli Carneiro em relação ao dispositivo de racialidade.

Interessa demarcar aqui que a abordagem de Foucault abre a possibilidade de uma análise que, focando no domínio da racialidade, investiga os atributos supostamente essenciais do Eu hegemônico — branco, portanto — e do Outro. Lembrando que o Eu é dotado de razoabilidade porque produziu o louco; é dotado de normalidade porque produziu o anormal; e de vitalidade porque inscreveu o Outro no signo da morte.

Portanto, olhar para 'o outro' – lê-se negro – por meio de uma perspectiva afrocentrista significa compreender a negritude em indivíduos pertencentes ao Brasil, sem ocupar posição de subserviência em relação ao branco. É compreender que o processo de construção do Brasil deve muito aos negros trazidos da África, que ainda hoje constituem uma parcela significativa do progresso de nossa nação.

Quando abordamos o 'afrocentrismo' no imaginário social, estamos estabelecendo uma conexão entre a ação de colocar o 'africano' no centro do debate, em oposição às ideias de supremacistas brancos que regem o mundo com base em ideais eurocêntricos, como uma inversão de polos. Assim nos diz o cientista social José Valterdinan Mesquita Xavier,

[...]é atribuído ao Afrocentrismo a utilização do termo “raça” numa perspectiva biológica para fundamentar uma determinada lógica que afirmaria a pureza entre as diversas “raças” existentes, e assim provocar uma “pseudossolidariedade” em torno de uma única “raça”, no caso: a negra. Assim, seus críticos a concebem como uma abordagem essencialista e raciológica, se não racista, a ponto de utilizar o conceito biológico de “raça”, já comprovado cientificamente como não existente, para articular ações que

beiram ao fascismo; b) é compreendida como um discurso político separatista que se não controlado pode beirar num “racismo às avessas”, causando perigo aqueles não pertencentes ao seu grupo; c) é acusada de ser pretensiosa a inverter a ordem geopolítica, econômica do globo, pondo a África nos grandes centros de decisão do poder, assim como o fez e ainda faz a Europa; d) o “Afrocentrismo” conforme postulado pelos três itens acima NÃO EXISTE, pois todas essas críticas foram direcionadas a “Afrocentricidade”, nos fazendo crer que assim, o primeiro seja apenas a maneira pelo qual o Ocidente consegue enxergar e dialogar com outras epistemologias e cosmologias que se apresentam como alternativas a ele, negando-as. (XAVIER, 2017, p. 3)

Se realizarmos uma pesquisa bibliográfica, logo perceberemos que não existe um estudo aprofundado sobre o tema do 'afrocentrismo'. Portanto, essa postura crítica em relação ao termo não passa de uma tentativa, por métodos científicos, de afastar o conceito da definição prática do imaginário social. Ou seja, opiniões fundamentadas no Afrocentrismo são aquelas que colocam o negro como protagonista de sua própria história, respeitando o lugar de fala de pessoas que têm vivência empírica em assuntos relacionados à negritude – ou seja, uma pessoa negra!

Ainda abordando o termo 'Afrocentrismo', é importante esclarecer que o erro de conceituação científica se refere a outro termo quase equivalente, porém aceito pela comunidade científica: 'Afrocentricidade'. Como afirmou o cientista social José Valterdinan Mesquita Xavier,

[...]o que se compreende por Afrocentrismo é, na verdade uma percepção distorcida acerca de determinados elementos constitutivos da Afrocentricidade, devido boa parte de autores que se propõem a discuti-la utilizam vários termos para se referir a ela, o que acaba embarçando sua compreensão; c) partindo dessa percepção observamos também que o fato de não haver – ainda – uma literatura específica acerca do Afrocentrismo este não deixa de existir, pois a evidência da ausência não necessariamente representa a ausência da evidência. (XAVIER, 2017, p. 4)

Portanto, quando neste artigo nos referimos ao Afrocentrismo, queremos indicar uma postura de sujeitos negros que participam do agir comunicativo e cujas falas se preocupam em sustentar a ideia da pessoa negra como protagonista de sua própria história, como é o caso do apresentador do podcast "Mano a Mano", Mano Brown.

É de extrema importância entender os limites dessa conceituação, pois ela nos indica que, para uma pessoa negra ser 'Afrocentrada', é necessário passar por um processo pedagógico de esclarecimento sobre sua própria identidade, ou seja, sua negritude. Esse

esclarecimento envolve compreender seu papel na sociedade diante do racismo, adotando posturas que sejam combativas a esse preconceito e permitam a identificação do mesmo.

Para alcançarmos o ponto em que os sujeitos compreendam o que é o racismo, saiba como identificá-lo e, conseqüentemente, possa combatê-lo, é necessário o letramento racial. Esse processo é válido para qualquer cidadão que se declare antirracista, independente de ser negro ou não. Diante disso, para sustentar nossa posterior análise do objeto em destaque, é relevante também conceituar o letramento racial em relação à posição das pessoas brancas nessa questão. Conforme afirma a pesquisadora Bárbara Danielle Morais Vieira sobre o tema,

Articulo o letramento racial crítico por parte de sujeitos que se beneficiam da condição de privilégio da branquitude como um processo necessário ao reconhecimento da complexidade e capilaridade dos racismos e conseqüentemente para a construção e exercício de práticas antirracistas. (VIEIRA, 2022, p, 58)

Entender se um dado produto provoca letramento racial ou não é examinar a mensagem que está sendo veiculada quanto à influência educativa sobre a percepção, identificação e combate ao racismo por meio de ações que contribuem com a luta antirracista. É importante lembrar também do impacto das opiniões Afrocentradas na veiculação da mensagem, considerando todo o contexto do termo apresentado aqui. Essas pessoas reafirmam seu lugar de fala no que diz respeito ao que está sendo transmitido, com a credibilidade de quem já passou pelo processo educativo mencionado de forma empírica, isto é, sofreu com o racismo na pele, pessoas pretas.

As conseqüências do epistemicídio no Brasil em consoante a interpolação das mídias.

O Brasil é um país moldado sob os preceitos do dominador branco que chegou aqui dando o nome de 'Novo Mundo' a uma terra que de novo não tinha nada. Pensar no 'Novo Mundo' nos dias atuais é recordar que por meio de dispositivos de racialidades eugenistas, ideologias preconceituosas ainda persistem como um plano sistêmico que afeta questões de educação, moradia, saúde e segurança pública. Como afirma Sueli Carneiro a seguir,

Do lugar dos excluídos da res(pública). Daqueles que na condição de não cidadãos estavam destituídos do direito à educação. Dirijo-me a ti, Eu hegemônico, falando do lugar do “paradigma do Outro”, consciente de que é nele que estou inscrita por ti e que, “graças” a ele, expectativas se criaram em relação a mim. Estou ciente de que mesmo tentando negá-las, elas podem se realizar, já que me encontro condicionada por uma “unidade histórica e pedagogicamente anterior” da qual eu seria uma aplicação. Uma aplicação

histórica cuja consciência se renova permanentemente pela memória d'alma da escravidão herdada de minha ancestralidade e, antes dela, das representações negativas que estiveram desde longe associadas ao meu corpo negro. Uma aplicação histórica também da modernidade ocidental que dissecou cientificamente minha inferioridade natural que constitui hoje o espetáculo de indigência humana que exibo ao mundo. (SUELI CARNEIRO, 2023, p. 8)

Antes de mais nada, pensar na cosmologia brasileira é compreender que houve um processo de apagamento de conhecimentos sobre as pessoas que chegaram aqui nos primórdios como escravas. Esse processo de apagamento de conhecimentos tem um nome: chama-se Epistemicídio. Ainda com referência a outros autores, Sueli Carneiro afirma que,

É importante lembrar que o conceito de epistemicídio, utilizado aqui, não é extraído do aparato teórico de Michel Foucault, mas sim de Boaventura de Sousa Santos, para quem o epistemicídio se constituiu num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica e racial pela negação da legitimidade do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros, que passam a ser ignorados como sujeitos de conhecimento.

O conceito desenvolvido por Boaventura de Sousa Santos torna possível apreender o processo de destituição da racionalidade, da cultura e da civilização do Outro, que aconteceu e acontece no Brasil. (SUELI CARNEIRO, 2023, p.82)

Entender que aqui houve um processo de apagamento de conhecimento histórico sistematizado é lançar luz sobre a perpetuação do racismo como algo que está diretamente ligado com a violência contra pessoas que tinham algo a dizer. Os efeitos dessa prática racista fazem com que seja necessário, ainda hoje, olharmos para trás e repensarmos a história de negros e negras que chegaram aqui na condição de escravizados. A partir de uma perspectiva histórica, o centro da narrativa devem ser esses sujeitos vitimados. Não seria necessário conscientizar pessoas através do letramento racial para combater essa mazela, se a condição de serem produtores de cosmologias tivesse sido respeitada nos primórdios de nossa história.

Se Jenkins propõe a hibridização das mídias, o que faz com que produtos comunicacionais não se encaixam mais em um só formato (Cultura da Convergência, 2014), qual é o lugar dos saberes cerceados pelo epistemicídio na sociedade atual? O lugar daquilo que foi apagado através da violência racial em um meio onde transformações imediatas ocorrem a todo momento? É compreender que ainda hoje esses saberes não possuem ambiente necessário para o debate público. É perceber que um espaço extremamente volátil como o da

cultura digital tem a acessibilidade ainda mais dificultada para explicações de mundo que foram amarradas a correntes impostas séculos atrás pelo branco europeu. A cultura da convergência apresenta características ambíguas, como afirma o sociólogo Marcelo Garson,

Temos, portanto, duas noções de convergência: uma ligada ao aparato técnico, que pensa as funções e propriedades dos meios e trata de aparelhos multitarefa que prometem substituir seus antecessores; e outra ligada ao comportamento do consumidor, tal como definido por Jenkins. Ambas gozam de grande popularidade, mas nenhuma é inédita, sendo antes atualizações de discursos que lhes antecedem. (MARCELO GARSON, 2019, p. 2)

Entretanto, a cultura da convergência possibilita também, uma capacidade técnica de veiculação de mensagens efetivas que podem ser usadas como ferramenta na luta antirracista, como é o caso do podcast aqui analisado. Portanto, esse ambiente de extrema disseminação de informação pode ser utilizado também para transmitir mensagens capazes de combater preconceitos que há tempos perpetuam aqui. A acessibilidade do 'Mano a Mano' em plataformas de streamings gratuitas faz com que os ouvintes possam ter acesso a opiniões fundamentadas no afrocentrismo por parte de Brown e sua equipe, de uma maneira que anteriormente era negada devido ao epistemicídio e outras formas de racismo estrutural. A cultura de convergência possibilita uma escapada por meio da permeabilidade da cultura digital, permitindo consumir e transmitir conhecimento, como os de cunho antirracista. Isso justifica o exame de um produto que, enquanto podcast, engloba características de rádio, plataformas de streaming e debates pode até ocorrer em praças públicas.

Análise de conteúdo sobre os episódios do podcast Original Spotify Mano a Mano

O podcast aqui analisado é o 'Original Spotify Mano a Mano', liderado pelo rapper e pensador Mano Brown, com a colaboração jornalística de Semayat Oliveira. O produto é conduzido no formato de entrevista e debate assuntos relacionados à religião, política e negritude, geralmente baseados em uma perspectiva afrocentrada sobre o Brasil, por parte dos apresentadores. 'Mano a Mano' foi o terceiro podcast mais escutado na Retrospectiva do Spotify de 2022, ano de sua estreia. Além disso, recebeu o prêmio APCA na categoria de 'Melhor Podcast' em fevereiro de 2023, consolidando sua relevância para o debate público nacional.

Neste estudo, me debruço sobre três episódios que compõem o corpus a ser analisado: o que teve como convidada a filósofa brasileira Sueli de Carneiro (26 de maio de 2022), focado em questões raciais; o que abordou a temática da religião, com o Rabino Ventura (19 de maio de 2022); e o que discutiui a temática dos negócios, com o empresário de Funk, Kondzilla (2 de junho de 2022). Essa escolha parte de um episódio no qual as questões raciais ocuparam todo o tempo da conversa. A identificação dos padrões das mensagens relacionadas à negritude e ao enfrentamento do racismo, sustentadas por uma intelectual renomada no assunto, Sueli de Carneiro, serviu como base para o desenvolvimento das categorias de análise elaboradas para a realização da pesquisa.

O podcast 'Mano a Mano' se destaca como um produto atravessado por questões extremamente necessárias, trazendo uma bagagem intelectual negra sobre temas relacionados à negritude. Esse fenômeno se propõe a ser veiculado de maneira abrangente e notável através do advento das redes."

A metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin é uma abordagem qualitativa de pesquisa que visa compreender e interpretar o significado de textos, sejam eles escritos, visuais, sonoros ou outros tipos de registros. Ela oferece um conjunto de procedimentos sistemáticos para extrair e analisar os padrões e significados presentes nos dados textuais, buscando identificar temas, categorias e relações subjacentes (BARDIN, 2016).

Através dessa metodologia, direciono a análise para os três episódios já mencionados, com o intuito de identificar variáveis entre eles que possam sustentar a hipótese do podcast 'Mano a Mano' como matriz de letramento racial. Para realizar essa análise, utilizo uma categoria geral que se desdobra em subcategorias a partir dela, servindo como parâmetro de comparação para inferir os dados relevantes ao meu interesse.

A categoria geral é apresentada pelo seguinte questionamento: 'O dado episódio é conteúdo de letramento racial?' Para inferir uma resposta positiva ou negativa, analiso quantitativamente quantas vezes a palavra 'negro' ou 'negros' aparece durante as entrevistas, sistematizando o lugar desse sujeito a partir de uma perspectiva afrocentrada sobre o tema. Com essa primeira análise, posso verificar se de fato os negros recebem a devida atenção na conversa e se a mensagem transmitida tem caráter educativo sobre assuntos relacionados à negritude.

Também delimito palavras-chave que aparecem em consonância com o termo 'negro', para verificar se, quando mencionadas juntas, o indivíduo em destaque ocupa um lugar de

relevância no debate, considerando a trajetória desses indivíduos sem excluir os saberes provenientes desse povo. Isso legitima a contribuição histórica e atribui devida importância ao povo negro. Com essas informações, construo um conjunto de significados que me auxiliam a definir a possibilidade de percepção, identificação e combate ao racismo através do consumo do produto analisado, de uma perspectiva educativa sobre assuntos ligados ao contexto social como um todo.

O primeiro episódio a ser analisado é aquele que tem como convidada a filósofa e intelectual negra Sueli Carneiro. Nele, o foco da conversa tem como tema central a raça, sobretudo a raça negra. De segunda mão, como subtemas aparecem ainda questões relacionadas ao antirracismo, afrocentrismo, contra-cultura, paridade racial, disparidade racial, política, luta de classes, neoliberalismo, eugenia, emancipação coletiva, cotas, letramento racial, colorismo e genocídio negro. Com o tema voltado especificamente para negritude, quantitativamente a palavra “negro” aparece 91 vezes ao longo do episódio e quando vigente é relacionada em síntese, a temas como o lugar de intelectualidade, participação política na construção do nosso país e denúncia da violência racial que estes sofrem. Neste episódio, o sujeito em questão aparece como centro da conversa em tom de denúncia, mas também de esclarecimento e legitimação da importância do negro no contexto do Brasil. Entre os três episódios, este, sem dúvida, responde à hipótese que me proponho a pesquisar. É necessário estabelecer parâmetros que interajam com os demais episódios, a fim de definir comparações que possam sustentar o mano a mano com a matriz de letramento racial a partir deste, como se fosse uma referência exata do podcast enquanto matriz.

O segundo episódio a ser analisado é anterior ao episódio chave de Sueli. Nele, o convidado é o Rabino Ventura, importante líder da comunidade judaica brasileira. Durante a entrevista, o tema central da conversa é a religião judaica, mas em segundo plano subtemas como história, política, prosperidade e questões identitárias também ganham destaque ao longo do debate. Quanto ao vocábulo “negro”, ele aparece 24 vezes ao longo do assunto e na maioria das vezes em que aparece, é em forma de questionamento por parte de Brown e Semayat sobre qual a participação legítima da negritude ao longo da história da religião judaica e os desdobramentos sociais das passagens importantes dessa religião. Nas vezes em que aparece, a palavra é associada a esclarecimentos, “os verdadeiros judeus”, origem, argumentação, minorias, instituições e comunidade. No primeiro bloco, o embate proposto por Brown é direcionado a abordagens históricas contra a religião. O Rabino se esquia dos questionamentos históricos do apresentador com os preceitos prescritos pela Torá. No

segundo bloco da entrevista, que é de maior interesse para a pesquisa e análise de conteúdo, Mano Brown e Semayat questionam a falsa equivalência entre negros e judeus. O Rabino se esquiva novamente, tentando equiparar a trajetória das duas etnias, mas não esclarece a prosperidade da comunidade judaica nem a neutralidade da judaica enquanto "instituição" diante das questões de racismo no Brasil. Isso reafirma a contradição dessa falsa equivalência, pois é uma minoria "extremamente privilegiada" economicamente nos dias atuais, segundo Semayat, contra uma maioria negligenciada em vários âmbitos ao longo da história devido ao racismo. Historicamente, apesar do holocausto, a trajetória do povo judeu não me parece equiparar-se às mazelas sofridas ainda hoje pelo povo negro, sem contar a questão de Israel, que é de grande polêmica na geopolítica global. O episódio, apesar de ter como tema o judaísmo, ainda sim o negro tem lugar de destaque nos questionamentos, colocando a importância de entender de forma substancial a participação cultural e histórica deste povo na construção e consolidação na história judaico-cristã.

O terceiro episódio objeto de análise é com o empresário do ramo do funk Kondzilla. O tema central do conteúdo é o empreendedorismo no mercado musical e, com destaque temporário, outros temas como racismo, empreendedorismo periférico, impactos sociais e mercado da música também aparecem. Se olharmos para o termo "negro", este episódio é aquele em que a palavra aparece com menor frequência. Com apenas 9 vezes, o termo é associado a alguns assuntos como "revolução-viva", liderança, legitimação e justas referências. Ainda que Kondzilla tenha uma trajetória advinda da periferia e reconheça sua negritude, o foco da entrevista principal não é o negro, mas fala sobre outros temas que o incluem no debate de forma participativa. A postura de Brown reforça o lugar de referência correta a pessoas pretas como contribuintes a cenários como o da música e negócios. No geral o convidado não tem preocupação política por meio de suas falas e sim interesse em propagar vivências e conhecimentos sobre o seu trabalho a partir do conhecimento adquirido ao longo da sua trajetória de sucesso. Temas relacionados a raça e negritude estão em segundo plano, com Mano Brown e Semayat puxando a pauta eventualmente e reafirmando a importância do tema no contexto apresentado pelo convidado que além de negro vem de periferia. Aqui todas as vezes que aparece é através de uma forma de legitimação e creditação necessária do negro e suas conquistas ao longo da história, proporcionando um contraponto às narrativas dominantes e destacando a contribuição muitas vezes negligenciada. Isso não apenas enriquece a compreensão da herança cultural, mas também reforça a

importância de reconhecer as complexidades das experiências e realizações da comunidade negra.

Segue a tabela utilizada para na análise:

Convidado	Duração	Tema	Subtemas
Sueli Carneiro	02:19:41	Raça Negra	Antirracismo, afrocentrismo, contra-cultura, disparidade racial, política, mobilidade social, luta de classes, neoliberalismo, racismo, eugenia, cotas, colorismo e genocídio.
Quantidade de menções da palavra “negro”	91 vezes.	Temas relacionados à palavra	Intelectual; feminismo; pobreza; luta; história; racismo; militância; cidadão; inclusão; políticas públicas; cota; genocídio; afrocentrismo; esteriótipo; maioria; educação; conquistas; reconhecimento; universidade; participação política; direitos civis e poder.
Rabino Ventura	01:54:22	Religião Judaica	Prosperidade, história, falsa equivalência, questões identitárias, política, religião, holocausto, escravidão, mitos e leituras sobre o passado histórico judeu.
Quantidade de menções da palavra “negro”	24 vezes.	Temas relacionados à palavra	Verdadeiro judeus; esclarecimentos; contexto bíblico; egípcios; história; teoria; etnia; argumento; origem; escravidão; racismo; minorias; instituição e comunidades.
Kondzilla	01:48:36	Empreendedorismo no mercado da música.	Racismo, preconceito, Empreendedorismo periférico, religião, mercado musical, violência racial, periferia e impactos sociais.
Quantidade de menções da palavra “negro”	9 vezes.	Temas relacionados à palavra	Revolução- viva; empresário; liderança; produção musical; liberdade; empreendedores; trabalhadores; vítima; referência; sobrevivência e estudos.

Ao olhar para as análises em conjunto com base nos dados levantados pela tabela, se comparado os episódios, o negro tem sua devida participação no assunto, mesmo que o tema central não seja raça como o de Sueli. Através de mensagens, há contribuição com o pensamento inclusivo desses agentes que tanto produziram para a nossa sociedade, mas que por conta de seus alcoses tiveram seus direitos civis negligenciados. Enquanto conteúdo, o Mano a Mano serve episódios de maneira didática que aborda temas relacionados à negritude

e se coloca contra o preconceito racial, servindo como combate ao mesmo, compartilhando saberes úteis para a luta.

Considerações finais

Retomando a preocupação do presente artigo quanto à necessidade do afrocentrismo na luta antirracista e da importância do letramento racial para o enfrentamento de tal, o "Mano a Mano" transmite mensagens promotoras de ensinamentos sobre negritude e raça de forma coesa. Com diversos convidados abordando variados temas, o termo "negro" ocupa um lugar de destaque no centro das conversas transmitidas pelo advento das redes.

Através dos dados coletados a partir da análise do conteúdo, o que nos interessa é a capacidade de letramento racial do podcast, o que o caracteriza como sua matriz. Indicado pela metodologia, pode-se concluir que o produto midiático é uma matriz de letramento racial, pois mesmo em episódios cujo tema central não seja a raça, quando comparados com aqueles que abordam essa questão em destaque, o "Mano a Mano" defende o lugar do negro em qualquer que seja o tema. Isso legitima o povo preto que tanto sofreu e sofre com o racismo, reconhecendo-o como operador de cultura, sociabilidade e construções históricas.

Recuperando os referenciais teóricos aqui discutidos, a proposta deste trabalho reforçou a importância da produção de conhecimento com um olhar centrado nas questões afro. Ele destacou a necessidade de produzir ciência considerando o negro, com a garantia de que seus saberes e cosmologias sejam respeitados e considerados. Reforça também a necessidade desses estudos, uma vez que a bibliografia hegemônica sofre com a falta de materiais que deem atenção a essas questões. Logo, pesquisadores negros que produzam conhecimento sobre seu povo têm um papel crucial na academia, promovendo o desenvolvimento humano. Se desejamos retribuir à sociedade ações que combatam as mazelas sociais, devemos apoiar e incentivar espaços na academia para indivíduos que enfrentam essas mesmas questões. Assim, o lugar de fala é respeitado e justificado, como é o caso do enfrentamento ao racismo através de intermediários com preocupações afrocentradas.

Em conclusão, o estudo analítico do podcast "Mano a Mano" evidencia sua notável contribuição para o letramento racial e a promoção do afrocentrismo. Ao examinar a presença recorrente e significativa do termo "negro" em uma variedade de tópicos, o podcast se revela como uma plataforma que amplifica e legitima a voz do povo preto, enraizando-a no âmbito da cultura, da política e da história. Através da análise dos episódios, foi possível observar que o programa não apenas aborda diretamente questões raciais, mas também garante que a negritude seja reconhecida, discutida e valorizada em diversos contextos. O Mano a Mano se

estabelece, assim, como um exemplo valioso de como a mídia pode ser um instrumento de educação e transformação social ao destacar as perspectivas e vivências da comunidade negra. Diante do panorama de carência de materiais que abordem tais temas de maneira respeitosa e informada, a relevância desse tipo de produção é inegável. Em um cenário em que o conhecimento e o debate são poderosas armas contra o racismo, a continuidade desse tipo de iniciativa é fundamental para impulsionar a conscientização e a mudança em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

Vieira, B. D. M. (2022). **Letramento racial**: Revista Espaço Acadêmico, 21, 53-64. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60366>

FARIAS, P. F. D. M. **Afrocentrismo: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural**. Afro-Ásia, n. 30, p. 317–343, 2003.

CARNEIRO, S.; RANDOW, E. VON; FRATESCHI, Y. **Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. 1a edição ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2023.

JENKINS, H. **Cultura da convergência** São Paulo: Aleph, 2008

GARSON, M. **O conceito de convergência e suas armadilhas**. Galáxia (São Paulo), n. 40, p. 57–70, abr. 2019.

Mano a Mano: **Sueli de Carneiro**. Entrevistada: Sueli de Carneiro. Entrevistador: Mano Brown. São Paulo: Original Spotify, 26, mai. 2022. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrijmog0RkUnCPr?si=bec1b7eddf9f4994>>.

Mano a Mano: **Rabino Ventura**. Entrevistado: Rabino Ventura. Entrevistador: Mano Brown. São Paulo: Original Spotify, 19, mai. 2022. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/5hdIRvqQcKwy1JgfEhmh9d?si=ccda1039cdee4708>>.

Mano a Mano: **Kondzilla**. Entrevistado: Konrad Dantas. Entrevistador: Mano Brown. São Paulo: Original Spotify, 2, jun. 2022. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7nBuAZTt8EGn9w9tWFRkcx?si=fac44e44c21b4a89>>.

GOLIN, T. **Os cotistas desagradecidos**. Disponível em: <<https://sul21.com.br/colunastau-golin/2014/06/os-cotistas-desagradecidos/>>. Acesso em: 23 maio. 2023.

SILVA, M. R. DA. **O que é ser mulher negra no Brasil?: o Youtube a serviço de uma nova representação**. repositorio.ufjf.br, 17 fev. 2020